

Editorial

Uma vez mais, **Mimesis** chega ao leitor, com um leque variado de assuntos das Ciências Humanas, abrangendo contribuições de renomados pesquisadores, brasileiros e estrangeiros, assim como novos talentos de nossas academias. Nessa oportunidade, abordamos a Historiografia e suas concepções filosóficas; a Psicologia sócio-histórica e suas implicações para o campo educacional; as relações da Antropologia com a Arte e a Cultura; a Filosofia como crítica ao Economicismo Neoliberal e a Sociologia do conhecimento aplicada às sociedades. Estão representadas, assim, áreas centrais das Ciências Humanas, e preocupações bastante atuais.

O interessante artigo do historiador François Dosse, *De l'histoire des idées à l'histoire intellectuelle*, aborda as relações complexas e contraditórias entre Filosofia e História na academia francesa, o que dificultou ou mesmo impediu a emergência específica de um campo de pesquisa sobre a “história das idéias”, sobretudo abafada nos anos setenta pelo impacto da “história das mentalidades”. O texto começa analisando o conflito que se estabeleceu entre duas concepções, quando da realização da eleição para uma cadeira no Collège de France, em 1951. De um lado, Alexandre Koyré defendendo uma história das idéias próxima à história das mentalidades, especialmente aquela desenvolvida na escola dos Annales, sobretudo por Lucien Febvre; de outro, Martial Guérout defendendo um predomínio da filosofia, evitando que a história filosófica fosse absorvida pela psicologia, pela sociologia ou pela epistemologia. Naquele momento, a posição de Guérout foi vencedora e ele assumiu a cadeira disponível. Um continuador, de certa maneira, das posições de Guérout, foi Foucault, que também desenvolveria seus trabalhos em história das idéias no Collège de France, com forte inflexão filosófica. Dosse prossegue sua investigação historiográfica analisando a produção francesa das últimas décadas, para concluir que “um vasto canteiro de investigação se abre, frente

às novas convergências entre a história do pensamento e a história propriamente dita”.

Mark Bevir, em *Objectivity in history*, traz o debate sobre a objetividade na atuação do historiador, prosseguindo, assim, com a discussão filosófica em torno da historiografia. O autor trabalha criticamente com as diferentes concepções filosóficas que rejeitam a objetividade da história, como Gadamer, Derrida e Foucault, alicerçadas no pressuposto de que não há um passado dado que permita julgar as diferentes interpretações. Para superar esse impasse, Bevir propõe um conceito de objetividade que se baseie em critérios de comparação e não em um dado passado. Assim, pretende resgatar à historiografia seu caráter de objetividade e, portanto, seu critério de verdade, para além dos subjetivismos e relativismos.

Em *Societies learn and yet the world is hard to change*, Klaus Eder apresenta a tese segundo a qual as sociedades evoluem e aprendem, procurando demonstrar “como” esse processo se dá, evidenciando o interacionismo; “o que” as sociedades aprendem; e “por que” ocorre tal aprendizado. No entanto, a conclusão do autor é que o aprendizado, apenas, não garante a transformação das sociedades; para que isso ocorra, é necessário também um processo de mutação, que torne a evolução efetiva.

O artigo *A evolução do pensamento e da linguagem segundo Vygotsky*, de Silvia Helena Ferreira Fortes Bassi, retoma as concepções do psicólogo russo para explorar suas implicações para o campo educacional, sobretudo o pré-escolar. A autora faz uma exposição sobre como Vygotsky compreende o pensamento e a linguagem, assim como sua inter-relação, sobretudo em torno da fala interior, justificando a importância de tais concepções para os processos educativos, tanto em seus aspectos acadêmicos quanto em seus aspectos mais cotidianos.

Já o tema de Rita Márcia Magalhães Furtado, em *A imagem negada: reflexões acerca das concepções de cultura, ideologia e representação social na arte primitiva*, é a arte primitiva, com uma discussão em torno das concepções de ideologia, de representação social e de cultura nessa modalidade artística. As reflexões são fundamentadas em leituras antropológicas do fenômeno artístico, e buscam compreender os movimentos aparentemente contraditórios de negação da arte primitiva pela arte ocidental, ao mesmo tempo em que essa se apropria daquela em diferentes momentos e com distintas intenções.

Ozanan Vicente Carrara, em *Relação e comunidade num contexto neoliberal*, recorre ao filósofo Martin Buber e a seus conceitos sobre convivência entre os humanos para analisar o contexto con-

temporâneo. Desenvolve uma discussão em torno do neoliberalismo como contexto contemporâneo, evidenciando a liberdade de mercado e o individualismo, explicitando como ele afeta as relações humanas. Resgata, em seguida, a filosofia social de Martin Buber e conclui apontando as noções de comunidade e cooperativismo deste filósofo como alternativas ao modelo de produção de vida e das relações sociais no contexto neoliberal.

O Conselho Editorial acredita que esse conjunto de textos, perseguindo a linha mestra do perfil editorial de **Mimesis**, expressa a diversidade de perspectivas e de concepções teóricas das Ciências Humanas, contribuindo para o exercício do pensamento e da crítica.